

**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

O HOMEM CRIATIVO “INTERVENDO” NA VIOLÊNCIA: APRESENTAÇÃO DE DANÇA NA PERSPECTIVA INDICIÁRIA

Rosely Silva Pires¹
Karen Calegari Santos Campos²
Márcia Barros F. Rodrigues³

RESUMO

Este artigo afirma-se como uma possibilidade de debate e reflexão acerca da complexidade da violência urbana. Como método de análise e construção da coreografia de um espetáculo de dança, nos aproximamos do paradigma indiciário, que se apresenta como uma releitura da obra Guernica de Pablo Picasso. O trabalho é uma parceria entre o projeto de Extensão FORDAN e o NEI.

PALAVRAS-CHAVE: Política cultural; Violência,; Espetáculo Cultural.

INTRODUÇÃO

A violência, em seus mais variados contornos, é um fenômeno histórico na constituição da sociedade brasileira e, portanto, é tão antigo quanto à organização das sociedades. Momentos históricos como a escravidão (primeiro com os índios e depois, e especialmente, com a mão de obra africana), a colonização mercantilista, o coronelismo, as oligarquias antes e depois da independência, somados a um Estado caracterizado pelo autoritarismo burocrático, contribuíram enormemente para o aumento da violência que atravessa a história do Brasil.

Nas últimas décadas, este fenômeno se tornou um tema político-ideológico que tem dificultado as relações sociais, principalmente no meio urbano. No Brasil, várias propostas culturais visam problematizar: Que relações podem ser pensadas entre violência urbana juvenil e políticas culturais?

O mapa da violência de 2014 no Brasil apresenta um crescimento de 13,4% nos registros de homicídios, em comparação aos números de 2002. Esse dado é alarmante, pois

¹ Rosely Maria da Silva Pires, mestrado em Educação, área de concentração em políticas públicas pela Universidade Federal Fluminense. Professora Assistente da UFES, contato roselysilvapires@hotmail.com.

² Karen Calegari Santos Campos, Doutoranda em Educação pela UFES, Professora substituta da UFES. Contato karencantos@hotmail.com

³ Marcia Barros Ferreira Rodrigues, Pós doutora pela UFF em Ciência Política, Doutora em História Social pela USP. Professora Associada da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), contato mbfrodrigues@gmail.com.



apresenta índice maior que o crescimento da população total no país: 11,1% (WAISELFISZ, 2014).

Os jovens com idade entre 15 e 29 anos, negros e do sexo masculino, são as principais vítimas de homicídio: ao todo são 53,4% do total de mortes em todo o país. O percentual de morte começa a crescer a partir dos 13 anos. Outra observação importante está ligada ao fato de que os assassinatos de brancos diminuíram de 20 mil, em 2002, para 15 mil, em 2012, ao passo que o número de vítimas negras teve um aumento de 30 para quarenta mil, no mesmo período. A diferença é de 41.127 mortos negros, para 14.928 brancos.

Neste período analisado, houve crescimento dos homicídios em 20 dos 27 estados do país. O Brasil ocupa o sétimo lugar entre os 100 países pesquisados. Ao longo desta década morrem mais pessoas vítimas de homicídios que em conflitos mundiais armados. Formam ao todo 556 mil vítimas de assassinatos (WAISELFISZ, 2014).

Dos Estados do Brasil, o Espírito Santo, mantém a liderança no 2º lugar dos mais violentos desde 1998. A taxa registrada de homicídios de jovens é mais que o dobro de todo o País, assim como os homicídios da população em geral. Os homicídios jovens ficaram em 57,3 mortes violentas por grupo de 100 mil jovens.

Pablo Lira (2007), ao apresentar o Índice de Violência Criminalizada (IVC),⁴ nos ajuda a identificar algumas tendências de distribuição espacial da criminalidade violenta na região de Vitória-ES. Os bairros Enseada do Suá (0,689), Jabour (0,626), São Pedro (0,596) e Boa Vista (0,535) evidenciaram os maiores valores de IVC. São Pedro tem índices elevados em relação a crimes de tráfico, de armas e munições, tóxicos e furtos e também crimes letais e não letais contra a pessoa.

Rodrigues (2010), em suas pesquisas sobre violência, compreende-a como um fenômeno social, multicausal e multifacetado e, portanto, o desafio está em pensar Políticas Públicas Culturais que promovam o desenvolvimento humano a partir da cultura e ações sociais. Para tanto, é necessário que as pesquisas sobre violência avancem para além da dicotomia racionalidade e irracionalidade assim, como

dar conta da dimensão do imaginário e da fantasia (inerente ao humano), na ação política a partir de pistas ou sinais tomados como sintomas. Buscamos a interface interdisciplinar que remete ao campo dos estudos de fronteira

⁷ Pesquisa desenvolvida no âmbito da Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social do Espírito Santo – SESP/ES.



entre História, Sociologia, Teoria Política e Psicanálise para o estudo do fenômeno da violência (RODRIGUES, 2010, p.155).

Buscando atender a uma demanda de formação de educadores, de Educação Física e outras áreas, problematizamos a violência em sua complexidade, utilizando como linguagem corporal vários estilos de dança. O espetáculo se constituiu como um diálogo não apenas com a comunidade acadêmica, alunos universitários, professores da rede pública de ensino, mas principalmente com a população que tem sido alvo dos nossos estudos: os adolescentes e jovens da classe popular.

A relação com a temática da violência veio a partir da realização de cursos de formação de professores em dança, organizados pelo projeto de extensão FORDAN/UFES, Projetos de Extensão realizados na periferia de Vitória-ES desde 2006, e estudos sobre violência no Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Nossa pesquisa e intervenção envolve professores e acadêmicos dos Cursos de Educação Física, Artes, História e Ciências Sociais.

Atualmente coordenamos os seguintes projetos culturais com temáticas da violência: “A Cultura popular e a construção de um mundo sem violência para a criança e com a criança” (PROEXT, 2014, MEC); “Cultura Popular: Problematização e Enfrentamento da Violência” (PROEX/ UFES, 2014 a 2015); “Formação de educadores e a construção de um mundo sem violência” (PROEX/ UFES, 2014 a 2015), Oficina de formação de professores em cidadania e cultura (PROEX/ UFES, 2014 a 2015).

O espetáculo é um inventário etnográfico com base em Ginzburg (2007). Nele buscamos apresentar a experiência de construir um trabalho cultural cheio de diferentes linguagens e problemáticas em torno da violência urbana.

Para a construção do espetáculo “O homem criativo ‘intervendo’ na violência”, buscaram-se alguns estudos que balizassem as discussões com os bailarinos e equipe de coordenação. Apresentaremos algumas das discussões que foram realizadas.

O HOMEM CRIATIVO “INTERVENDO” NA VIOLÊNCIA

O caminho percorrido para chegar ao espetáculo foi longo. Antecederam-se a ele momentos de estudos, debates, reflexões, laboratórios técnicos de construção coreográfica e muitos ensaios.



É importante destacar que não foi um trabalho fácil, a equipe é grande e envolve, além de nós, professores universitários, alunos da universidade e também jovens da comunidade que já trabalham com os estilos de dança que foram escolhidos, principalmente o hip-hop, o afro e a dança de rua.

Talvez nossa maior dificuldade tenha sido a aliança entre a dimensão reflexiva e a construção dos movimentos; contudo, o envolvimento de bolsistas e voluntários no projeto foram fundamentais para o seu êxito. O tema “O Homem Criativo ‘Intervendo’ na Violência” foi pensado para atender a proposta do estudo sobre violência, fazendo uma releitura de uma obra de Picasso, também para afinar com o Congresso Espírito-santense de Educação Física 2014 que, em reunião os gerentes de Formação das Secretarias de Educação, solicitaram discussões sobre a violência.

O foco foi apresentar a complexidade da violência, tomando como inspiração a obra de Picasso sobre a Guerra (Guernica). O autor fez um retrato da guerra; nós problematizamos a complexidade da violência, tematizando: no forró Asa Branca (Luiz Gonzaga revela a seca do nordeste como descaso dos governos com as necessidades básicas da população); no samba de gafieira com a música Saudosa Maloca (Adoniram Barbosa conta a história do processo de urbanização de São Paulo retirando os barracos do centro da cidade); na dança Afro (Olodum denuncia a chacina da Candelária em 1993); com a Street dance (MV. Bill delata os policiais como braço do Governo invadindo as favelas para o projeto de "pacificação").

Fechando o trabalho, percebemos que estava faltando uma discussão fundamental sobre o capitalismo, que acreditamos ser uma manifestação da violência simbólica representada nas diversas formas de exclusão, que, no entanto, opera com a sedução. Neste sentido, incluímos uma coreografia de balé contemporâneo, utilizando a música “3º do plural”, dos Engenheiros do Havai, que denuncia o poder do consumismo sobre cada um de nós.

O painel de fundo da apresentação foi um quadro grafitado por um artista urbano, que propôs uma releitura ao quadro de Picasso (artista urbano e B. Boy que faz parte do nosso projeto como colaborador). O espetáculo é encerrado com música de Marcelo D2, "Qual é", retomando o papel do artista diante dessa complexidade da violência (os artistas entram dançando Break, grafitando, fazendo Rap).



O espetáculo de dança foi apresentado em vários locais em 2014: no IFES durante o Seminário de Consciência Negra, no Congresso Estadual de Educação Física da UFES, no Seminário Integrado de Extensão Universitária da UFES. Durante todas as apresentações, foram realizados diálogos sobre a problemática da violência urbana juvenil. Acrescentamos a importância do trabalho para formação da equipe como um todo pois, além das pesquisas, também realizamos trabalhos de extensão com adolescentes e jovens de periferia.

O tema violência deve ser trabalho dentro de vários conteúdos de Educação física, porém a dança foi escolhida pois possibilita “aos sujeitos apresentarem seus pontos de vistas com relação a seus mundos construídos a partir das suas experiências” (SARAIVA, 2009, p.198).

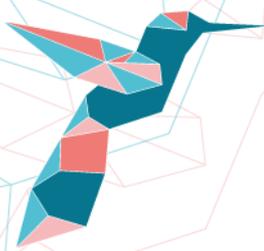
A COMPOSIÇÃO DAS COREOGRAFIAS: UMA ANÁLISE DA COMPLEXIDADE DA VIOLÊNCIA A PARTIR DE UM OLHAR INDICIÁRIO

Utilizamos *o método* indiciário, em que o pesquisador observa e registra de diversas formas as pistas, detalhes, sinais, indícios não explícitos nem significativos, e que estão no cotidiano pesquisado. Rodrigues (2005), ao estudar o paradigma indiciário, tendo como referência Ginzburg, apresenta algumas questões para reflexão: a premência de tornar a realidade um enigma, que necessita ser questionado para ser compreendido e transformado; sem o desejo não existe análise da realidade e este não é incompatível com a prova empírica palpável.

Para Ginzburg o paradigma indiciário,

Trata-se, como é claro, de adjetivos não-sinônimos, que, no entanto, remetem a um modelo epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de métodos ou termos-chave. [...] Essa ideia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas. Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais (GINZBURG, 1989, p. 170 - 178).

E foi seguindo pistas, sinais, e atendendo a intuição e emoção a cada seleção de músicas e estilos de dança, que construímos o texto para a composição coreográfica. Embora cada parte do espetáculo apareça com estilos de dança e coreografia diferentes, o tema da



violência tem uma continuidade e ligação em cada uma das maquetes, assim como no quadro “Guernica”, pintado por Pablo Picasso em 1937, problematizando o bombardeio no povoado Guernica, na Espanha.

Para analisar a violência urbana, denunciada no espetáculo, foi necessário problematizar esse fenômeno a partir de momentos históricos que marcaram não apenas o Espírito Santo, mas o Brasil como um todo. Apresentaremos a seguir o entrelaçamento entre as coreografias das danças que compõem o espetáculo e a denúncia da complexidade de violência, numa perspectiva história, social e econômica.

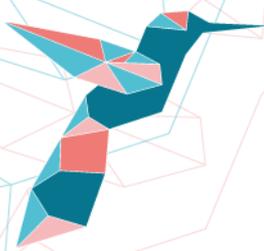
A COREOGRAFIA DE FORRÓ: O FENÔMENO DA IMIGRAÇÃO

Para problematizar a violência presente no fenômeno da migração para as zonas urbana ocorridas em todo o Brasil, optamos por trabalhar com a música Asa Branca, de Luiz Gonzaga: o compositor sai da terra natal, “o Nordeste”, para tentar a vida em São Paulo, e a música traz a reflexão do descaso dos governos com as necessidades básicas da população, um discurso hoje tão atual, embora a música tenha sido composta por ele em 1947.

Até os anos 60, Vitória, capital do Espírito Santo, tinha sua economia apoiada na economia agroexportadora da monocultura cafeeira, o que lhe conferia um lugar de pouco destaque no mercado nacional. No entanto, a implantação de grandes indústrias produtoras de bens de capital deu uma nova cara ao Estado e por conseguinte a Vitória. A cidade foi “invadida” por milhares de pessoas desempregadas (NADER, 1993).

No ano de 1970, habitavam em Vitória 485.998 pessoas, sendo que destas, apenas 133.019 eram nascidas na capital. Na década seguinte, o percentual de imigrantes ainda era maior. Todo o período estudado pela Nader permite verificar o rápido crescimento populacional de Vitória em três décadas. A população aumentou mais de 100% e cresceu em torno de 159 mil habitantes em 31 anos. O fenômeno da migração para a zona urbana foi semelhante em todo o Brasil, com algumas particularidades, como por exemplo, em relação à presença masculina em busca de trabalho. Em Vitória, o número de mulheres foi superior ao de homens (37.325 mulheres e 35.181 homens).

Segundo Siqueira (2010), a indústria torna-se o setor mais dinâmico no processo de desenvolvimento nacional, isto muda o perfil do Brasil, que até então era marcado pelo poder



agrário e que agora ganha contornos de um país urbano-industrial. Nesse sentido, o trinômio desenvolvimento-industrialização-urbanização deu um novo perfil demográfico ao Brasil.

Esse crescimento exorbitante e repentino de Vitória, nos anos 1970, foi desencadeado pelo desenvolvimento industrial. A industrialização no Espírito Santo teve início na década de 40, com as primeiras indústrias em Cachoeiro de Itapemirim. Mas foi na segunda metade da década de 70, que foram implantadas as grandes empresas industriais. Hoje os setores metalúrgicos, siderúrgicos e metal mecânico são os mais fortes e mais importantes da economia do Estado (SILVA, 2004).

COREOGRAFIA DE SAMBA DE GAFIEIRA: SURGIMENTO DAS PERIFERIAS

Analisando a violência também na perspectiva demográfica, trazemos a discussão da ocupação da periferia com a transferência dos barracos, antes localizados em meio às cidades, e que passam a ser permitidos apenas nas favelas. Adoniram Barbosa, com a malandragem que caracteriza o samba, apresenta essa discussão na Música Saudosa Maloca.

Siqueira (2010, p. 567) afirma que

As cidades iniciaram, na última década do século XIX, um processo de modernização que priorizou, notadamente, até os anos de 1930, a infraestrutura, o saneamento/higienização e o embelezamento urbano dos antigos centros, na busca pelo ideal do moderno e civilizado.

Siqueira (2010) pesquisou que o processo de industrialização e o rápido crescimento urbano provocaram mudanças na mobilidade espacial da população, tanto demográficas quanto socioeconômicas. Afirma o autor que, com o inchamento das periferias, contradições sociais no interior da sociedade capixaba intensificaram-se de maneira exorbitante. Com isso,

A economia urbana, embora tenha se expandido, não conseguiu amparar o êxodo rural que se intensificou com as modificações ocorridas na estrutura agrária, colocando, em evidência, o problema da pobreza e do desemprego rural. “Este processo, apoiado na expansão industrial, transmutou-se na miséria e no desemprego urbano, ampliando, ainda mais, o chamado ‘caos urbano’, verificado na Grande Vitória a partir da década de 1970 (SIQUEIRA, 2010, p. 14).



O autor constata então que a função contraditória das problemáticas urbanas e o processo de desenvolvimento são originários da lógica das relações de produção/capitalismo.

A COREOGRAFIA AFRO: HOMICÍDIO JUVENIL

O trabalho apresenta ainda discussões sobre o homicídio juvenil, para tanto escolhemos a música “Chachina da Candelária” do grupo Olodum, músicos baianos que realizam um trabalho importante de enfrentamento da violência.

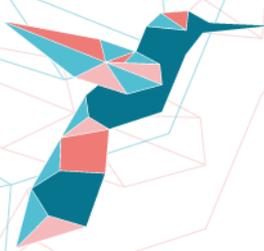
Samuel Huntington (1997), ao estudar o choque das civilizações, embora analisando o problema entre nações, nos permite pensar algumas questões relativas às discussões sobre modernidade e problemas urbanos. O autor afirma que dentre as principais razões para o acirramento dos conflitos estariam três questões: a) em espaços menores há um acirramento das animosidades entre as pessoas, principalmente de diferentes culturas (no caso do nosso estudo, capixabas, mineiros, cariocas e baianos); b) os processos de modernização econômica e mudança social têm separado pessoas de suas identidades locais; c) “As características e diferenças de natureza cultural seriam menos mutáveis e, portanto, mais difíceis de conciliar e resolver que as diferenças de natureza política e econômica” (p. 228).

Não temos a intenção de afirmar uma relação causal simples entre modernidade e violência, pois como afirma Rodrigues (1997), outras cidades tiveram taxas exorbitantes de crescimento econômico e populacional e não apresentam taxas tão altas de criminalidade. A autora afirma a importância de políticas de Estado articuladas com as necessidades criadas a partir dos problemas sociais da sociabilidade urbana.

A relação entre homicídios e juventude foi observada com intensidade na pesquisa da autora, segundo dados apresentados no artigo, 45% das vítimas estavam com idade entre 15 e 25 anos. Os homicídios aconteciam nos seguintes horários: 25% (de 20h à 0h); 21% (de 18h às 20h); e 20% (de 06h às 12h). 68% destes aconteciam na via pública habitada, 86% por arma de fogo, 79% não tinham nem o ensino fundamental, 25% tinham envolvimento com tráfico de entorpecentes, 63% motivados por tráfico de drogas.

Para a autora (2007),

Os cruzamentos dos mapas demonstram uma forte tendência de relação entre a concentração da localização dos bares e a ocorrência de homicídios por crime de tóxico. Assim, fica bem evidenciada a mistura explosiva entre álcool, drogas, bares e a maior possibilidade de ocorrência de



desentendimentos, brigas e uma possível relação entre alguns conjuntos de bares enquanto boca de fumo, e o tráfico, na região estudada (p. 3).

COREOGRAFIA DE DANÇA DE RUA: INCRIMINAÇÃO COMO ROTULAÇÃO

Uma preocupação da equipe foi trazer para a discussão a violência enquanto processo de incriminação como rotulação, estigmatização e tipificação numa única identidade social, por este motivo escolhemos a música Causa e Efeito do Cantor e compositor MV BIL, um dos fundadores da CUFA, Central Única das Favelas.

Buscando apresentar a problemática deste estudo sobre sujeição criminal, ligada ao problema dos homicídios e violência urbana, dialogamos com Michel Misse (2010) que, ao estudar a construção social da criminalização, observou alguns dados importantes à nossa análise sobre homicídios juvenis. O autor estudou o complexo processo da acumulação social da violência no Rio de Janeiro (1999, 2006, 2008), e observou uma “cultura” associada a tipos sociais de agentes demarcados pela cor, pelo estilo de vida e socialmente pela pobreza. O baixo poder aquisitivo dos que operam nesses territórios torna-os vulneráveis a decretos de perigosos e irrecuperáveis que se territorializam, ganham contornos espaciais e ampliam-se nas crianças e adolescentes cuja sujeição é “esperada”. É importante entender que o autor afirma que isso são processos de criminalização de sujeitos e não de cursos de ação.

No processo de intervenção de políticas de Estado é importante a pesquisa do autor quando afirma que esse processo é elaborado ao se “referir ao indivíduo cuja concepção de si e de suas ações se conforma substancialmente com a imagem desviante que os outros têm deles” (p. 23). O autor afirma que a resultante desse processo de afirmação de status negativo é uma identidade social deteriorada.

O rótulo “bandido” é de tal modo reificado no indivíduo, que restam poucos espaços para negociar, manipular ou abandonar à identidade pública estigmatizada. Assim, o conceito de sujeição criminal engloba processos de rotulação, estigmatização e tipificação numa única identidade social, especificamente ligada ao processo de incriminação e não como um caso particular de desvio (p. 23).

Rodrigues e Dadalto (2014) realizaram uma pesquisa, analisando “o baiano na construção da sujeição criminal na RMGV do Espírito Santo. As autoras problematizaram que



os relatos dos entrevistados e os documentos analisados mostram que os baianos são discriminados negativamente e que

[...] espreitam os valores e sentimentos dos representantes do poder público do Estado, responsáveis por manter uma política de inclusão social, mas que, diferentemente, produzem terreno fértil na produção do sentido de quem é “estabelecido” e de quem é “estrangeiro/outsider” junto à população. Esta, por sua vez, por mais que estabeleça distinções entre si, divide igualmente o desolado território de abandono por parte do poder público. O discurso discriminatório prevalece e encontra ressonância na pauta jornalística (p. 162).

COREOGRAFIA DE BALÉ CONTEMPORÂNEO: FORTALECIMENTO DE VALORES CAPITALISTAS

Com foco na discussão histórica, fazemos a análise de que após a década de 70, com a crise do Estado, passamos a correr o risco de que as próprias ações culturais passassem a ser orientadas pelo Mercado e com isso nos apropriamos das discussões sobre o consumismo enquanto violência, presente na música “3º do plural” do grupo Engenheiros do Hawaii.

Rodrigues e Souza (2011) contribuíram com essa discussão, pois analisando a relação da trajetória dos crimes de homicídio no Espírito Santo com a política administrativa do Estado, observaram que

A primeira mensuração confiável do número de homicídios data de 1980, quando a taxa chegava a 15,1 por cem mil habitantes, com cerca de 305 homicídios em números absolutos. Em termos relativos, o número de homicídios teve o primeiro surto de alta no final da década de 1980 até meados da seguinte, quando praticamente dobrou, pulando de cerca de 20 para atingir o pico de 42,5 homicídios por 100 mil habitantes em 1994. Ainda nessa década, o Estado alcançou seu recorde histórico de 57,8 homicídios por 100 mil habitantes em 1998 (RODRIGUES E SOUZA, 2011, p. 16).

Assim como o poder público foi apontado pelas autoras como fortalecedores do discurso discriminatório, em relação aos baianos, as políticas públicas, entre elas as de esporte e lazer, têm sido apontadas como constituição de subjetividades, em que são fortalecidos valores relativos ao esporte de rendimento, com a exclusão dos menos aptos, tendo como base a aptidão física. A relação das políticas públicas de Esportes da década de 90 com o fortalecimento dos ideais do capitalismo não se opera apenas pela atuação do Estado, mas principalmente pela ausência deste. É imperioso recordar que na década de 90 o Estado, em



parceria com a ideologia neoliberal, buscou, além da privatização, a estratégia da publicização e terceirização, transferindo para a iniciativa privada suas obrigações com as políticas públicas, inclusive de Esporte, como direito de todos (BERALDI, 2011).

É imperioso lembrar que, a partir dos anos 70, teve início a crise do Estado, devido à elevada taxa de desemprego e aumento da inflação. Com isso, a onda neoconservadora e as reformas econômicas, orientadas para o mercado, inspiraram uma política do Estado mínimo (PEREIRA, 1997).

Para Legendre (1983), a responsabilidade do Estado, ou função parental, é fugir da lógica do mercado, sob a égide do liberalismo voltada ao fim do Estado ou à transformação deste em Estado-mínimo, pois este ocupa uma das possibilidades histórica de configuração do campo político com implicações normativas e jurídicas fundamentais. A ausência da responsabilidade parental do Estado na implantação de políticas públicas é um dos eixos de análise para os impasses das políticas públicas no Brasil, no Espírito Santo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A COREOGRAFIA DE HIP HOP E O PAPEL DO EDUCADOR

[...] Não vou vacilar/Sou o que sou/E ninguém vai me mudar/Porque eu tenho um escudo/Contra o/vacilão/Papel e caneta/E um mic na minha mão/E é isso que é preciso/Coragem e humildade/Atitude certa na hora da verdade (QUAL É, MARCELO D2, 2003).

Encerrando a discussão, trazemos a problemática apresentada ao final do espetáculo, em que utilizamos a coreografia de Hip-hop, com a música de Marcelo D2, e questionamos: qual o papel do intelectual que atua na área de Educação Física, Ciências Sociais e histórias (parceiras neste trabalho) frente à problemática da violência?

Perceber as ideologias a partir das manifestações culturais da sociedade se constitui como uma importante tarefa, a outra seria

[...] buscando as formas pelas quais a cultura dominante é aceita, interiorizada, reproduzida e transformada, tanto quanto as formas pelas quais é recusada, negada e afastada, implícita ou explicitamente, pelos dominados. [...] Não tentando abordar a cultura popular como uma outra cultura ao lado (ou no fundo) da cultura dominante, mas como algo que se efetua por dentro dessa mesma cultura, ainda que para resistir a ela (CHAUI, 1989, p. 5).



Esse trabalho nos ajudou na compreensão de uma realidade estudada e com isso passamos a ter um grande compromisso com a crítica social, numa dimensão dialógica e um caráter emancipatório.

Nossos bolsistas e bailarinos também estão mais abertos para a compreensão do seu próprio papel e posição destes diante da realidade social, o que fundamentalmente é importante para desencadear um processo de análise crítica e conscientização do processo democrático. Nesse sentido, como sujeitos sociais, somos aqueles que,

[...] constroem seus discursos e baseiam suas ações nos significados derivados dos processos de comunicação com os outros, com quem compartilham opiniões, crenças e valores. Da mesma maneira, a conscientização de si, de sua realidade, a reflexão sobre suas crenças, concepções, ações e valores, amplia o poder de ação e transformação (RODRIGUES, 2009, p.160).

Esse trabalho também tem sido fundamental para abrir diálogos na mídia e nos espaços sociais onde atuamos sobre a problemática da violência. A partir do espetáculo “O homem criativo ‘intervendo’ na violência” temos encontrado espaços de discussão e reflexão junto a crianças e jovens sobre a temática trabalhada.

ABSTRACT

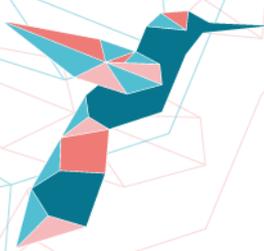
The Creative Man "Intervendo" In Violence: dance presentation in evidentiary perspective

This article is affirmed as a possibility for debate and reflection about the complexity of urban violence. As a method of analysis and construction of the choreography of a dance show, been close of the evidentiary paradigm, that performance it self as a reinterpretation of Guernica by Pablo Picasso work. The work is a partnership between the Fordan extension project and the NEI.

KEYWORDS: Cultural Politics; Violence; Cultural Show.

RESUMEN

El Hombre Creativo “Intervendo” En La Violencia: presentacion de danza en la perspectiva indiciaria



Este artigo se afirma como una posibilidad de debate y reflexión sobre la complejidad de la violencia urbana. Como método de análisis y construcción de la coreografía de un espectáculo de danza, nos aproximamos del paradigma indiciario, que se presenta como una relectura de la obra Guernica, de Pablo Picasso. El trabajo es una colaboración entre los proyectos de extensión Fordan y el Nei.

PALABRAS CLAVES: Política cultural; Violencia; Espectáculo Cultural

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERALDI, D. P. et al. Políticas Públicas, Esporte, Educação: mudanças a partir da década de 1990. s: *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 109-129, jan./abr. 2011.

BRESSER-PEREIRA, L.C. Reforma do Estado nos anos 90: lógica e mecanismos de controle. Brasília: MARE, *Cadernos MARE*, n. 1, 1997.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

DADALTO M.C, RODRIGUES, M.B. Migração e violência: O 'baiano' na construção da sujeição criminal na RMGV do Espírito Santo. *Revista Dilemas*, 2014, Vol.7 (1), pp.143-166

FALCON, F. História e Poder. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995.

HUNTINGTON, S. *O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LEGENDRE, Pierre. *O amor do censor, ensaio sobre a ordem dogmática*. Trad. do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro: Aluísio Menezes e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.

LIRA, P. *Geografia do Crime: Construção e geoprocessamento do Índice de Criminalidade Violenta – IVC no município de Vitória-ES*. 2007. 124 f. Pesquisa Acadêmica. Vitória: Ufes, 2007.



- MINAYO, M. C. S. ; SOUZA, E. R. Violência para todos. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro 9 (1): 65-78, janeiro/março, 1993. Site <http://www.scielo.br>.
- NADER, M. B.. *Industrialização, Aumento Populacional e Diversificação do Mercado de Trabalho*: Vitória em Dados 1970-2000. Associação Nacional de História, São Paulo. Disponível em <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=95>. Acesso em 18 de outubro 2014
- REMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ FVG, 1996.
- RODRIGUES e SOUZA. Políticas públicas e gestão urbana: o caso da região metropolitana da Grande Vitória no estado do Espírito Santo. **Dimensões**, vol. 27, 2011, p. 23-39.
- RODRIGUES, M. *Políticas sociais para o desenvolvimento: superar a pobreza e promover a inclusão*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, UNESCO, 2010. 360p.
- RODRIGUEZ, M V. Pesquisa histórica: o trabalho com fontes documentais. In: *Fontes e métodos em história da educação*. (org) COSTA, C. J. , MELO, J. P.; FABIANO, L. H.. – Dourados, MS : Ed.UFGD, 2010.
- SANTOS, J. Atualidade da História do tempo presente. *Revista Historiador*, ano I, n. I 2009
- SARAIVA, K. Educação Física e dança: percepções de professores no ensino fundamental. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 15,n. 04. P. 193 1 214. 2009
- SILVA,A.J.S; LINO, G.R.. *A ferro e fogo: a trajetória de um setor*. Vitória, 2004. Disponível em: <<<http://www.sindiferes.com.br>>>. Acesso em 20 de outubro de 2014.
- SIQUEIRA, M.P.S. A questão regional e a dinâmica econômica do Espírito Santo – 1950/1990. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, 2009, 6:1-16.
- SIQUEIRA, M.P. A cidade de Vitória e o porto nos princípios modernos da urbanização no início do século XX. *Cad. Metrop*, São Paulo, v. 12, n. 24, pp. 565-584, jul/dez.2010
- SIQUEIRA, M.P.S. *Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória*, 1950/1980. Vitória: EDUFES, 2001



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

